



**HITLER
E
ESTALINE**

■

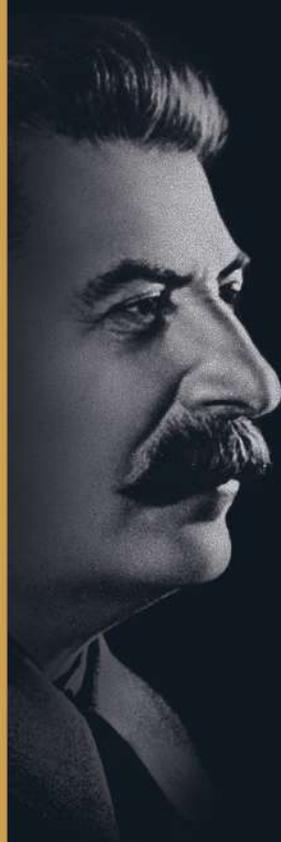
**OS
TIRANOS
E A
SEGUNDA
GUERRA
MUNDIAL**

■

**LAURENCE
REES**

*Autor de **Holocausto:
Uma Nova História
e O Carisma de Hitler***

v o g a i s



ÍNDICE

<i>Lista de Mapas</i>	7
<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	13
1. O Pacto	39
2. Eliminar a Polónia	65
3. Fortunas Opostas	97
4. Sonhos e Pesadelos	131
5. A Guerra de Aniquilação de Hitler	153
6. Invasão	173
7. Dias de Desespero	205
8. Uma Guerra Mundial	229
9. Fome	261
10. Os Excessos de Estaline	285
11. Através das Estepes	311
12. Luta no Volga	337
13. O Combate Continua	365
14. Ficção e Realidade	401
15. Assassínios em Massa	429
16. O Colapso do Centro	453
17. Dias Moribundos	485
18. Vitória e Derrota	521

<i>Posfácio</i>	539
<i>Agradecimentos</i>	549
<i>Lista de Ilustrações</i>	551
<i>Notas</i>	555
<i>Índice Remissivo</i>	611

LISTA DE MAPAS

- p. 67 Invasão da Polónia, 1939
- p. 109 Guerra de Inverno, 1939-40
- p. 126 Operação Amarela, 1940
- p. 176 Invasão da União Soviética, 1941
- p. 318 Operação Azul, 1942
- p. 456 Operação Bagration e assalto a Berlim, 1944-45
- p. 505 Deslocação das fronteiras da Polónia, 1945
- p. 533 Cortina de Ferro, 1949

PREFÁCIO

A origem deste livro é fácil de explicar. Passei os últimos 30 anos a fazer documentários e a escrever livros sobre o Terceiro Reich, o estalinismo e a Segunda Guerra Mundial. Em consequência, conheci centenas de pessoas que viveram sob os regimes de Hitler e de Estaline — não apenas aqueles que sofreram, mas também aqueles que apoiaram entusiasticamente os ditadores. Foram os meus encontros com estas testemunhas presenciais, e as coisas intrigantes que disseram, que me deram vontade de escrever este livro.

Há 14 anos, por exemplo, estive no apartamento moscovita do mais famoso cartoonista soviético da Segunda Guerra Mundial, Boris Yefimov¹. Ele revelou-me que o seu trabalho tinha sido monitorizado com tanta atenção que Estaline precisava de aprovar pessoalmente qualquer *cartoon* que ele desenhasse sobre assuntos sensíveis. Quando lhe perguntei como era ser um artista que não podia praticar uma expressão pessoal mas tinha, em vez disso, de criar propaganda sancionada pelo Estado, Yefimov respondeu-me que os artistas precisavam de compreender a responsabilidade que tinham «de não fazer mal ao seu próprio povo» e «país»².

Era, claro, uma perspetiva totalmente diferente daquela que temos hoje no Ocidente sobre o papel do artista. E, enquanto ele falava, recordei-me de pontos de vista similares que tinha ouvido anos antes, quando me encontrei com realizadores de cinema que tinham trabalhado para o infame propagandista nazi Joseph Goebbels³. Também eles tinham falado da necessidade de o seu trabalho artístico estar ao serviço do Estado. Portanto, pelo menos a esse nível, os dois regimes pareciam semelhantes.

Em contraste, as experiências das pessoas que conheci que haviam tido encontros pessoais regulares com Hitler e Estaline não podiam ser mais diferentes umas das outras. Ter uma reunião com Estaline não era, definitivamente, a mesma coisa do que ter uma com Hitler. Enquanto personalidades individuais, os dois tiranos nada tinham em comum.

Ao longo dos anos, comecei a refletir cada vez mais nesta comparação entre os dois líderes e os seus regimes. Quais eram as principais diferenças? De que modo os regimes eram semelhantes? E — talvez o mais importante — em que medida Estaline e Hitler moldaram os tempos em que viveram, e em que medida os tempos os moldaram a eles?

Depois de muito pensar, decidi concentrar esta obra no período 1939-45. Isto porque foram estes os anos durante os quais Hitler e Estaline tiveram uma relação direta, primeiro como colegas numa espécie de aliança, e em seguida, não só como meros adversários, mas como os mais poderosos senhores da guerra que o mundo jamais tinha visto. Muito embora nunca se tenham encontrado, tinham perfeita consciência um do outro. Admiravam até a crueldade do outro⁴. Hitler e Estaline estiveram ligados durante quase seis anos, e creio que é essa ligação que torna a comparação particularmente impressionante.

A ênfase nos anos da guerra é uma das maneiras como este livro se diferencia da anterior tentativa mais conhecida de comparação entre os dois ditadores — *Hitler and Stalin: Parallel Lives* de Alan Bullock⁵. Também beneficiei da extensa investigação académica gerada pelo tema desde que Bullock escreveu o seu livro, há quase 30 anos. Mas talvez a maior diferença entre esta obra e *Parallel Lives* seja o modo como pude recorrer a milhões de palavras de testemunhos presenciais originais — de tal modo que a maior parte do material aqui citado e obtido em entrevistas nunca foi publicado anteriormente.

Um dos grandes privilégios da minha vida profissional foi o ter tido a possibilidade, juntamente com as minhas várias equipas de produção, de viajar pela antiga União Soviética e encontrar pessoas

que nunca antes se tinham sentido à vontade para falar publicamente da sua história. Ao longo de muitos anos, e para uma variedade de projetos, viajámos da Sibéria à Ucrânia, da Calmúquia ao Mar de Barents, e da Lituânia ao rio Volga. Encontrámo-nos com reformados da polícia secreta, aldeões que sofreram às mãos tanto dos soldados alemães como dos guerrilheiros do Exército Vermelho, veteranos de batalhas gigantescas como Estalinegrado e Moscovo, e até mesmo o antigo telegrafista de Estaline, que revelou como o ditador soviético quase fugiu da capital nos dias negros de outubro de 1941. Se o Muro de Berlim não tivesse caído, e se a União Soviética não se tivesse posteriormente desmoronado, estas testemunhas de eventos épicos nunca poderiam ter falado das suas experiências sem medo de represálias. As suas histórias ter-se-iam perdido para sempre.

Estas fontes primárias são particularmente valiosas no contexto de uma comparação entre os dois ditadores, pois, confortavelmente abrigados, Hitler e Estaline tomaram decisões que resultaram no tormento de milhões, e é vital que o cidadão comum que sofreu às suas mãos tenha uma palavra a dizer.

É importante para mim tratar com um cuidado especial os testemunhos oculares, e já escrevi noutras ocasiões sobre o modo como verificámos a autenticidade do material que obtivemos, e o modo matizado como ele deve ser utilizado⁶. Mas, não obstante estas ressalvas, e depois de anos de experiência a lidar com testemunhos pessoais, cheguei à conclusão de que é um erro pensar que os indivíduos que falam após os acontecimentos merecem inerentemente menos «confiança» do que os documentos da altura. Compreendi isto pela primeira vez e com grande força há 30 anos, ao fazer um filme usando testemunhos de membros de uma unidade eslovena chamada Domobranci, que foram entregues aos homens do marechal Tito pelas tropas britânicas⁷ no verão de 1945. Estas testemunhas oculares falaram do modo brutal como tinham sido tratadas pelos soldados de Tito, e de como os ingleses tinham podido ver o seu sofrimento. Mas um relatório encontrado nos arquivos, e escrito na altura por um oficial britânico, dava uma perspetiva radicalmente diferente. Dizia que os homens de

Tito tinham tratado bem os seus prisioneiros, referindo: «Foram tratados com gentileza e eficiência, e foram-lhes dados alguns refrescos [...].»⁸

Isto poderia ser uma demonstração da primazia dos documentos sobre os testemunhos. Mas, quando entrevistei o oficial britânico que tinha escrito o relatório, ele confirmou-me os testemunhos dos Domobranci, e disse que o seu superior lhe tinha ordenado que mentisse. Expressou a sua surpresa por alguém poder acreditar nas palavras que tinha escrito no relatório, visto terem sido deliberadamente irónicas. Como é que alguém, disse-me, podia alguma vez pensar que as forças de Tito teriam oferecido «alguns refrescos» aos seus inimigos⁹ em tal situação?

Se refiro isto, não é para sugerir que o testemunho ocular é de certa maneira melhor do que o material contemporâneo, mas apenas para apontar que os historiadores têm de ser céticos em relação a todas e cada uma das suas fontes¹⁰. Não é também minha intenção contestar a enorme importância das provas de arquivo, sobretudo no contexto desta história. Muitas vezes, a descoberta de um documento escondido há anos vem transformar a nossa compreensão de um período. Pensemos, por exemplo, na folha de papel que Estaline assinou no princípio da guerra a autorizar a morte de milhares de oficiais polacos, e que apenas veio à luz do dia depois da queda do comunismo na União Soviética¹¹.

Não obstante a minha decisão de concentrar esta obra no período da Segunda Guerra Mundial, também falo de acontecimentos-chave que tiveram lugar antes destes anos, desde que a sua compreensão seja útil à narrativa. Por exemplo, falo do impacto das purgas da década de 1930 no Exército Vermelho no contexto da prolongada guerra da União Soviética com a Finlândia. Contudo, também considere ser útil, na Introdução que se segue, mencionar alguns outros contextos biográficos necessários, e prenunciar alguns dos temas principais do livro.

Embora esta seja uma obra de História, acredito que tem especial relevância para os nossos dias. Ainda existem muitos tiranos no mundo. E alguns deles possuem meios para nos destruir.

INTRODUÇÃO

Hitler e Estaline chegaram ambos de fora. Estaline chegou ao mundo em dezembro de 1878, na Geórgia, a 2100 quilômetros do coração do poder da Rússia Imperial em São Petersburgo. Hitler, metafórica, se não fisicamente, estava ainda mais afastado do centro da vida política alemã. Nasceu em abril de 1889, não na Alemanha Imperial, mas na vizinha Áustria, na cidade fronteiriça de Braunau am Inn. Ambos eram oriundos de famílias comuns. O pai de Hitler era inspetor das alfândegas. O pai de Estaline — um sapateiro — era significativamente mais pobre. Os dois pais bebiam e batiam nos filhos.

Isto é tudo verdade, mas, potencialmente, pode induzir em erro — porque precisamos de nos lembrar que um grande número dos seus contemporâneos também cresceu nas mesmas circunstâncias, mas não acabou a aterrorizar milhões. Também precisamos de nos resguardar da tentação de pensar que mesmo indivíduos tão dominadores como Hitler e Estaline estavam, de algum modo, destinados a alcançar um grande poder. Não estavam.

Hitler e Estaline apenas foram catapultados para a proeminência no rescaldo de um evento devastador sobre o qual nenhum deles tinha controle de espécie alguma — a Primeira Guerra Mundial. Em julho de 1914, mesmo antes do início da guerra, ninguém poderia ter previsto que Hitler, então com 25 anos, se viria a tornar num dos mais infames líderes da história do mundo. Nem sequer procurava estabelecer-se como político; debatia-se para ganhar a vida como pintor em Munique, e tinha tendência para dar sermões sobre arte ou literatura ou para culpar o mundo pelos seus falhanços. «Parecia não haver fim para as coisas, mesmo triviais, que

o podiam perturbar», recordou o colega de apartamento de Hitler dos seus tempos na capital austríaca antes da guerra¹. «No geral, nesses primeiros tempos em Viena, tive a impressão de que o Adolf se tinha tornado desequilibrado. Perdia a paciência com as coisas mais insignificantes.»² Se tivéssemos conhecido este Hitler anterior à Primeira Guerra Mundial, provavelmente teríamos concordado com a opinião posterior de um dos seus camaradas de trincheiras — havia nele «algo de peculiar»³.

Em 1914, Estaline, ao contrário de Hitler, já era um revolucionário. Quinze anos antes tinha abandonado o seminário onde estivera a estudar para se tornar padre, e, enquanto marxista empenhado, embarcou na missão de derrubar o Estado. Quando os canhões da Primeira Guerra Mundial começaram a disparar, estava exilado na Sibéria com uma história de crimes por trás — nomeadamente o seu papel na organização de um roubo violento em Tiflis (atual Tbilisi), na Geórgia, em 1907. Apesar da sua ardente fé na revolução, da rejeição do nome com que nascera, Iosif Jughashvili, e da adoção do dramático pseudónimo «Estaline», que em russo significa «Homem de Ferro»⁴, não parecia haver grande hipótese de o seu grupo revolucionário alguma vez chegar ao poder.

A Primeira Guerra Mundial veio mudar as fortunas de ambos os homens. Na sequência de motins contra a fome no país e de uma campanha desastrosa na frente, Nicolau II, o czar russo, foi forçado a abdicar em março de 1917. Mas isto não significava que os bolcheviques, o grupo de revolucionários marxistas ao qual Estaline pertencia, chegassem inevitavelmente ao poder. Foi necessária uma decisão calamitosa do Governo Provisório após a partida do czar, combinada com a desintegração generalizada das instituições políticas e económicas, para precipitar esse evento decisivo. No verão de 1917, o Governo Provisório ordenou ao Exército Vermelho que partisse em ofensiva. Foi um momento do qual os bolcheviques, sob a liderança de Vladimir Lenine, estavam preparados para se aproveitar. Pouco depois de terem começado os combates com as tropas austro-húngaras na Ucrânia Ocidental, o exército começou a amotinar-se à medida

que os revolucionários bolcheviques, infiltrados nas várias unidades, viravam os soldados contra os seus líderes. Alguns meses mais tarde, depois da Revolução de Outubro, Lenine e os seus bolcheviques estavam no poder.

Se é difícil entender como tudo isto poderia ter acontecido sem os eventos da Primeira Guerra Mundial, é impossível imaginar como Hitler poderia alguma vez ter chegado a líder de um partido político, quanto mais a chanceler da Alemanha, sem as circunstâncias da derrota da Alemanha em novembro de 1918. Foram o seu nojo e a sua raiva pelo facto de a Alemanha ter perdido a guerra, somados ao seu desejo de encontrar bodes expiatórios para essa derrota, que o empurraram para a política. Juntou-se a um pequeno grupo extremista chamado Partido dos Trabalhadores Alemães em Munique, em setembro de 1919. Dois anos depois era o seu líder, com o nome do partido alterado para Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, posteriormente conhecido pela abreviatura «nazi».

Na década de 1920, Hitler e Estaline já eram muito diferentes um do outro no modo como viam os seus papéis nos mundos políticos em que habitavam. Hitler, ao contrário de Estaline, era o arquétipo do «líder carismático» — conceito definido originalmente pelo sociólogo alemão Max Weber. Os líderes carismáticos confiam primordialmente no poder das suas próprias personalidades para justificarem os seus cargos. Não se encaixam bem em estruturas burocráticas, e projetam uma aura quase «missionária»⁵.

«Tudo vinha do coração, e tocou-nos a todos de muito perto», recordou Hans Frank, que ouviu Hitler discursar em 1920 e se tornou posteriormente numa importante figura nazi. «Ele dizia aquilo que estava na consciência de todos os presentes, e associava as experiências gerais à compreensão clara e aos desejos comuns daqueles que sofriam e desejavam um programa [...] Mas não só. Ele mostrou um caminho, o único caminho deixado a todos os povos arruinados da História, o caminho do sombrio recomeço a partir dos mais fundos abismos através da coragem, da fé, da prontidão

para a ação, do trabalho duro, e da devoção a um grande objetivo, brilhante, comum [...] Fiquei convencido de que, se havia algum homem capaz de o fazer, apenas Hitler seria capaz de controlar o destino da Alemanha.»⁶

A declaração de Frank de que Hitler dizia «o que estava na consciência de todos os presentes» possibilita uma compreensão importante quanto ao seu apelo. Líderes carismáticos como Hitler apenas são eficazes se a audiência estiver receptiva às suas convicções. Se, na essência, discordássemos de Hitler na década de 1920, então quase certamente ter-nos-íamos mostrado impermeáveis ao seu «carisma». A sua oratória, por exemplo, não convenceu pessoas como Herbert Richter, veterano alemão da Primeira Guerra Mundial. Richter, que não estava predisposto a apoiar Hitler, achava que ele falava com uma voz «áspera» e tinha tendência a «gritar» ideias políticas «mesmo muito simples»⁷.

Por contraste, Estaline era a antítese do modelo de Weber do líder carismático. Não só era pouco inspirador como orador, como, em vez de recusar as exigências da burocracia, as acolhia. Durante toda a sua vida política, compreendeu profundamente o poder das reuniões de comitê. A esse nível, teve sorte: a sua própria personalidade adequava-se com precisão ao que as novas estruturas do Estado soviético exigiam. Presidiria a uma expansão descomunal do número de pessoas com cargos administrativos no interior do sistema soviético — de menos de quatro milhões em 1929 a quase 14 milhões⁸ em 1939.

Estaline foi nomeado secretário-geral do Partido Comunista no Décimo Primeiro Congresso do Partido, em abril de 1922 e, conseqüentemente, controlava largas faixas da burocracia comunista, incluindo as decisões de pessoal. Este império administrativo tornou-se na sua base de poder — no que foi muito ajudado pelo desejo de Lenine, e de outras altas instâncias bolcheviques, de centralizar o poder, objetivo simbolizado pela criação de comitês como o Politburo e o Orgburo. De modo significativo, Estaline era a única pessoa a pertencer tanto ao Orgburo como ao Politburo, bem como ao secretariado do partido⁹.

Estaline trabalhou de tal maneira longe dos holofotes durante estes anos que os historiadores ainda debatem qual foi o momento exato em que se tornou na figura proeminente do país. Após a morte de Lenine, em 1924, ele era apenas uma de uma série de figuras de alta patente a dirigir a recém-criada União Soviética. Apenas conseguiu forçar passagem até à fila da frente no início da década de 1930. E mesmo então nunca se tornou chefe de Estado — cargo que foi preenchido por outro revolucionário bolchevique, Mikhail Kalinin. Mas Kalinin tinha pouco poder dentro do sistema. Tão pouco, aliás, que Estaline demonstrou a sua supremacia ao mandar prender e torturar a mulher de Kalinin, Ekaterina, na prisão de Lefortovo, em 1938.

Se o momento exato em que Estaline alcançou o poder se mantém opaco, o mesmo não se pode dizer de Hitler. A 30 de janeiro de 1933, tornou-se chanceler da Alemanha, e a 2 de agosto de 1934, com a morte do presidente Paul von Hindenburg, foi nomeado chefe de Estado e Führer do povo alemão. Todo o mundo soube, a partir desse momento, que Hitler era a figura central que iria traçar o destino da Alemanha. E tal como havia sido providencial para Estaline que a sua própria personalidade condissesse com o que o novo sistema soviético exigia, também Hitler beneficiou do facto de a sua própria personalidade apelar a milhões de alemães durante o caos económico do início dos anos 1930. As qualidades que o teriam excluído do poder em tempos mais serenos eram agora vistas por muitos como forças e não como fraquezas: a sua falta de experiência política foi vista como refrescante, face ao fracasso dos políticos convencionais na resolução da crise; a sua incapacidade de ouvir as opiniões dos outros e de chegar a compromisso foi vista positivamente, pois muitos agora queriam um «homem forte» a tomar as rédeas; o seu ódio pela democracia foi bem recebido, porque o sistema democrático parecia ter sido instrumental para a criação do caos em que a Alemanha agora estava atolada.

Esta dicotomia entre Hitler, o orador carismático, e Estaline, o homem de muitos comités, é crucial, e é um fio condutor para toda a nossa história. É uma distinção que justifica, por exemplo, as suas posturas diferentes quanto ao papel dos partidos políticos que supervisionavam. Muito embora Estaline, com o passar do tempo, tenha permitido à polícia secreta NKVD e a alguns comissariados económicos rivalizarem com o poder do partido, era inconcebível para ele alguma vez procurar destruir por completo o Partido Comunista — manteve-se sempre, pelo menos em teoria, seu servo devoto. Hitler, por contraste, suspeitava permanentemente de tentativas institucionais de restringir o seu poder. Fez tudo o que era possível para dismantelar qualquer estrutura centralizada que pudesse potencialmente usurpá-lo. Para esse efeito, deixou o governo alemão atrofiar — na verdade, o gabinete nunca se voltou a reunir após 1938. Pode até ter chegado a pensar que o Partido Nazi que ajudara a criar era potencialmente descartável. Segundo Hans Frank, Hitler disse num jantar de 1938 que seria «o primeiro a atirar um archote em chamas» e a «destruir radicalmente» o Partido Nazi se achasse que já não era necessário¹⁰.

A filiação no Partido Nazi era muito menos exclusiva do que a filiação no Partido Comunista Soviético. Cerca de cinco milhões de pessoas tinham cartão de membro do Partido Nazi em 1939, comparadas com menos de dois milhões de bolcheviques encartados — apesar de a população soviética ser mais do dobro da população alemã. Estaline via o partido como uma instituição de elite. E embora Hitler continuasse a dar importância ao Partido Nazi, nunca demonstrou igual empenho.

A presença dos poderosos *Gauleiter* — chefes distritais nazis — era mais sintomática do modo como Hitler queria dirigir a Alemanha. Os cerca de 40 *Gauleiters* deviam a sua autoridade por completo ao Führer¹¹. Ele podia reunir-se com eles, um a um, e garantir que se mantivessem fiéis à sua visão. A sua autonomia sob Hitler era tal que podiam até ignorar instruções do sinistro Heinrich Himmler das SS. Ocasionalmente, iam até ao ponto

de fazer pouco dele. Albert Forster, *Gauleiter* de Danzig/Prússia Ocidental e particular *bête noire* do líder das SS, observou uma vez que, «Se eu tivesse a cara do Himmler não andava por aí a falar de raça»¹². Era inconcebível, no sistema soviético, que qualquer subordinado de Estaline ridicularizasse abertamente o homólogo de Himmler — Lavrenti Beria, chefe da NKVD.

Tal como as suas abordagens ao processo governamental eram muito diferentes, também as experiências de reunir em privado com Hitler e Estaline eram muito diferentes. Quanto aos nazis empenhados, as memórias de Fritz Darges, membro das SS que se tornou num dos ajudantes de Hitler durante a guerra, são típicas. «Fiquei muito impressionado com os seus olhos vivos», disse Darges. «Parecia-me que o brilho da mente do Führer me atravessava. Ao mesmo tempo, senti que podia confiar nele [...] Mesmo então, durante o nosso primeiro encontro, senti que ele transpirava confiança e segurança, e nunca me senti assustado nem inibido na sua presença. Falava-lhe como falaria a alguém em quem confiava e que conhecia bem.»¹³

Karl Wilhelm Krause, que foi criado pessoal de Hitler nos cinco anos antes da guerra, concordava que o Führer era «boa pessoa» e «apenas queria o melhor para o povo alemão». Depois da guerra, como muitos ex-apoiantes do regime, Krause agarrou-se à convicção errónea de que, nos círculos de Hitler, eram outros os responsáveis pelos horrendos crimes dos nazis, e não o próprio líder. Aos olhos de Krause, Hitler «não era culpado». Mais ainda, disse Krause, «não era nenhum tirano, não senhor. Às vezes ficava furioso, mas quem não fica?»¹⁴.

Os estadistas internacionais também podiam sucumbir ao suposto magnetismo da presença de Hitler. O primeiro-ministro canadiano Mackenzie King conheceu Hitler em 1937 e achou que os seus olhos tinham «em si um atributo líquido que indica uma percepção viva e uma simpatia profunda». King acreditava que Hitler era «realmente alguém que ama verdadeiramente os homens, e o seu país, e faria qualquer sacrifício necessário para o seu bem»¹⁵.

Mais uma vez, contudo, este era um caso de um encontro de Hitler com um indivíduo que já nutria alguma simpatia para com os seus pontos de vista. Logo após o seu encontro com Hitler, Mackenzie King almoçou com o ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Konstantin von Neurath, e ouviu sem protestar a sua análise dos motivos pelos quais fora necessário pôr freio ao alegado poder dos judeus. No ano seguinte, King opôs-se duramente à entrada dos judeus no Canadá na sequência da anexação alemã da Áustria¹⁶.

Para os estadistas que não tinham a mesma predisposição para se sentirem atraídos por Hitler, a primeira impressão do ditador alemão podia ser muito diferente. Quando o político britânico lorde Halifax esteve com Hitler pela primeira vez na sua casa nas montanhas da Baviera, alegadamente confundiu o todo-poderoso Führer com um laçao e esteve à beira de lhe passar o sobretudo antes de ser alertado para o erro¹⁷. O primeiro-ministro britânico, Neville Chamberlain, também achou Hitler pouco impressionante quando se conheceram em 1938, e descreveu-o mais tarde como «“o cãozinho mais banal” que alguma vez tinha visto»¹⁸.

Muita gente — Halifax e Chamberlain incluídos — achava Hitler não só um indivíduo pouco distinto, mas igualmente um agitador rude e vociferante que se recusava a ouvir a voz da razão. Não era nenhum traço de personalidade novo — ele já era assim desde a juventude. August Kubizek, que o conheceu antes da Primeira Guerra Mundial, disse que, quando Hitler falava de um livro que tinha acabado de ler, não queria saber a opinião de mais ninguém¹⁹. Aliás, um dos perigos de reunir com ele, como descobriu Benito Mussolini, era que podia ser difícil conseguir meter uma palavra pelo meio. «Hitler fala, fala, fala, fala», anotou no seu diário o ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, o conde Ciano, após uma reunião em abril de 1942. «Mussolini sofre — ele, que tem ele próprio o hábito de falar, e que, em vez disso, quase não consegue dizer uma palavra. No segundo dia, depois do almoço, quando tudo já tinha sido dito, Hitler falou ininterruptamente durante uma hora e 40 minutos. Não omitiu absolutamente nenhum argumento:

guerra e paz, religião e filosofia, arte e história.»²⁰ Portanto, dependendo do ponto de vista, Hitler era um chato de primeira apanha ou um visionário inspirador.

Seria difícil sair de uma reunião com José Estaline com uma dessas posições opostas. Nesse aspeto, ele era o inverso de Hitler. Na maior parte dos casos, queria que fossem os outros a falar. Era um ouvinte agressivo, e um observador ainda mais agressivo. «Estaline era por natureza muito atento», disse Stepan Mikoyan, que cresceu no Kremlin na década de 1930, «e observava os olhos das pessoas quando estava a falar — e se não o olhássemos bem nos olhos, podia bem desconfiar de que o estávamos a enganar. E nesse caso seria bem capaz das coisas mais desagradáveis.»²¹

Vladimir Yerofeyev, intérprete que traduziu para Estaline, recordou como o ditador soviético se movia furtivamente: «Estaline entra, se eu estou de costas para a porta não o consigo ouvir a entrar. Mas, mesmo assim, consigo sentir uma nova presença na sala.» Também sentiu a economia de palavras de Estaline: «se ele falava de um determinado assunto fazia uma afirmação, dizia o que tinha a dizer e depois ouvia o que as pessoas tinham a dizer sobre isso [...] Não era inteiramente seguro trabalhar com ele porque, se ele não gostasse de algo, não haveria perdão possível.»²²

Mais ainda: ao contrário de Hitler, era praticamente impossível saber no que Estaline estava a pensar. Grigol Uratadze, que esteve encarcerado com Estaline na Geórgia antes da Primeira Guerra Mundial, recordou que «ele era completamente imperturbável. Vivemos juntos na prisão de Kutaisi durante mais de meio ano e não o vi uma única vez ficar agitado, descontrolado, furioso, gritar, praguejar ou, em suma, mostrar-se de qualquer outro modo que não fosse completamente calmo. E a sua voz correspondia exatamente ao “caráter glacial” que lhe era atribuído por aqueles que o conheciam bem.»²³

Uma das chaves da personalidade de Estaline, segundo Stepan Mikoyan, era ser «muito desconfiado [...] era capaz de enganar e de trair os outros e suspeitava de que os outros se portavam do mesmo modo [...] Ele sentia se lhe estivessemos a mentir. O mais

terrível era mentir-lhe [...] [ou] se lhe disséssemos a verdade e depois outra pessoa lhe dissesse uma coisa diferente, Estaline acharia que lhe tínhamos mentido. E isso, para ele, era o maior de todos os crimes.»²⁴

É difícil sobrestimar a importância desta afirmação. Estaline parece ter suspeitado de tudo e de todos. A pergunta dominante na sua mente era sempre: quem pode estar à beira de me trair? De modo memorável, explicou a um oficial militar, enquanto descia uma passagem do Kremlin ladeada de guardas: «Está a ver quantos são? Sempre que passo neste corredor, penso, qual deles? Se for este, vai disparar sobre as minhas costas, e se for o que está à esquina, vai disparar de frente para mim.»²⁵

A sobrinha de Estaline, Kira Alliluyeva, concordou que Estaline era por natureza desconfiado, mas achava que «ele já nasceu com essa faculdade»²⁶. Pode até ser verdade — nunca poderemos saber ao certo o motivo de determinados aspetos — mas ter passado anos a viver como revolucionário em fuga, sem nunca saber exatamente em quem poderia confiar, deve ter certamente contribuído para a natureza desconfiada de Estaline.

Hitler não tinha este nível de cautela pessoal. Tinha tendência a confiar naqueles que pertenciam ao seu círculo imediato até eles demonstrarem ter feito algo para o trair. Se não tivesse sido tão confiante, é quase certo que a tentativa de assassinio do conde Von Stauffenberg, em julho de 1944, nunca teria acontecido. Na verdade, é significativo que, embora tenham existido vários atentados à vida de Hitler, não há uma única tentativa registada de matar Estaline. Uma natureza intensamente desconfiada tem, claramente, vantagens.

Também devemos reconhecer que a tecnologia da época influenciou a perceção pública tanto de Hitler como de Estaline. Isto porque, historicamente, foram dois dos primeiros indivíduos históricos a terem criado *personas* que existiam independentemente de si próprios nos filmes de propaganda. Alguns líderes anteriores tinham recorrido a vários outros meios para projetarem as suas imagens — moedas, estátuas ou quadros — mas aqui tratava-se

de algo de diferente. Através do cinema, Hitler e Estaline podiam ser vistos e «conhecidos» por milhões de pessoas que na verdade nunca os conheceram. Ali estavam eles no ecrã, todas as suas ações organizadas para criar o máximo efeito.

Inevitavelmente, isto podia levar por vezes a uma desconexão entre a imagem da propaganda e a realidade. Tal como lorde Halifax podia achar que Hitler, em carne e osso, mais se parecia com um criado do que com o semideus mostrado nos jornais cinematográficos de Goebbels, também Estaline na vida real podia por vezes não estar ao nível das expectativas. Quando o oficial do exército britânico Hugh Lunghi conheceu Estaline durante a guerra, ficou chocado, porque «à minha frente estava um cavalheiro idoso e baixinho, ainda mais baixo do que eu, e eu nem sou muito alto [...] e ele parecia um velho tio bondoso, e então, quando ele abriu a boca, voltei a apanhar um choque, porque ele falava com um sotaque georgiano, um sotaque georgiano forte e muito marcado, mas falava russo perfeito, um russo excelente, só que com sotaque, e mantinha a voz muito baixa, pelo que era muito difícil ouvirmos o que ele estava a dizer sem esforçarmos os ouvidos.»²⁷

Para o diplomata americano George Kennan, Estaline parecia uma «figura pequenota, rente ao chão», mas «também se notava uma força controlada, tranquila, e uma certa elegância dura, nas suas feições. Os dentes estavam descoloridos, o bigode era ralo, grosso e esbranquiçado. Isto, a par do rosto bexigoso e dos olhos amarelos, dava-lhe o aspeto de um velho tigre ferido em combate. Quanto aos modos, pelo menos connosco, era simples, sossegado, discreto.»²⁸

Outros na aliança ocidental concluíram que Estaline, ao contrário de Hitler, era não apenas terra a terra mas, no fim de contas, impenetrável. «Achei-o mais bem informado do que Roosevelt, mais realista do que Churchill, de certa maneira o mais eficaz dos líderes de guerra», recordou o cortês estadista americano Averell Harriman. «Ao mesmo tempo, ele era, claro, um tirano assassino. Devo confessar que, para mim, Estaline continua a ser a mais imperscrutável e contraditória personagem que conheci [...].»²⁹

Estaline e Hitler vestiam-se ambos modestamente — na década de 1930, Hitler mais regularmente de casaco castanho de corte militar, e Estaline com uma túnica de operário cinzenta³⁰. Não era por acaso. Estavam conscientes da ostentação dos monarcas que até pouco antes haviam governado os seus respetivos países. O czar Nicolau II e o *Kaiser* Guilherme II tinham tido à sua escolha toda uma seleção de trajes resplandecentes, embora pouco tivessem feito para merecer tais roupas vistosas a não ser terem nascido nas famílias certas. Ao vestirem de modo simples, Hitler e Estaline demonstravam não apenas a sua ligação ao povo como também o seu distanciamento dos monarcas que os haviam precedido.

Tanto Hitler como Estaline desprezavam a instituição da monarquia. Numa conversa em março de 1942, Hitler fez notar que «houve pelo menos oito em cada dez reis que, se tivessem sido cidadãos comuns, não teriam sequer conseguido gerir bem uma mercearia»³¹. Quanto ao líder soviético, Estaline procurou construir um Estado cujos valores fossem diametralmente opostos aos de uma monarquia hereditária — afinal, tinham sido os bolcheviques a assassinar o czar Nicolau II e a sua família em 1918. É irónico, por isso, que tanto Hitler como Estaline tenham governado até ao último momento das suas vidas — como os monarcas aspiram a fazer. O punho de ferro que Hitler e Estaline exerciam sobre as suas respetivas nações apenas se abriu quando os seus corações pararam de bater. Dadas as suas personalidades e as estruturas políticas ao seu redor, é praticamente impossível que qualquer um deles alguma vez tivesse abdicado voluntariamente. A esse nível, tinham mais em comum com os monarcas do que teriam admitido.

Existe uma outra semelhança entre os dois tiranos. Nenhum era casado quando a Segunda Guerra Mundial começou. Estaline tinha antes sido casado duas vezes. A primeira mulher morrera de doença em 1907 e a segunda suicidou-se no Kremlin em 1932. A sua relação com os três filhos legítimos era tensa — um filho tentou suicidar-se, outro tornou-se alcoólico, e Estaline enviou o namorado da filha para um gulag. Não tinha nenhuma relação digna de nota com nenhum dos vários filhos ilegítimos. Quanto

a Hitler, nunca se casou, não teve filhos — ilegítimos ou outros — e via a namorada, Eva Braun, apenas esporadicamente. Apenas casaria com ela nos últimos momentos da sua vida, em abril de 1945.

Também é interessante destacar que, tal como a segunda mulher de Estaline se matou — e parece que o modo como ele a tratou desempenhou um papel importante para a levar a tal extremo —, muitas das mulheres que lidaram de perto com Hitler também se suicidaram ou tentaram fazê-lo. Por exemplo, Eva Braun tentou matar-se duas vezes na década de 1930; Maria Reiter, uma empregada de balcão de Berchtesgarden que se deixou arrebatar por Hitler, tentou enforcar-se em 1928; e a sobrinha de Hitler, Geli Raubal, matou-se no apartamento do tio com o revólver dele em 1931.

Tem existido muita especulação sensacionalista sobre as vidas sexuais de Hitler e de Estaline — especialmente sobre a de Hitler — mas a questão central é quase sempre mal-entendida. Em 1939, no início da Segunda Guerra Mundial, ambos os homens estavam, basicamente, sozinhos. Nenhum deles parecia ter um confidente íntimo.

No entanto, todas estas semelhanças não têm importância em comparação com a única qualidade fundamental que Hitler e Estaline partilhavam — de longe a mais importante ligação entre ambos: a crença de que tinham descoberto o segredo da existência. Não eram ditadores comuns que se parecem com chefes mafiosos. Não, os dois acreditavam verdadeiramente em algo que existia fora deles mesmos. Não eram sequer semelhantes aos monarcas europeus do passado, impelidos pela religião, que tinham fé num Deus cristão. Pelo contrário, ambos os ditadores abominavam o cristianismo. Em privado, Hitler dizia que «o cristianismo é uma invenção de cérebros doentes»³², embora, por motivos pragmáticos, escondesse do público alemão a sua verdadeira opinião sobre o assunto³³.

Ambos eram figuras profundamente posteriores ao Século das Luzes. Não só acreditavam que Deus estava morto, como pensavam

que ele tinha agora sido substituído por uma ideologia nova e coerente. Mais ainda, milhões dos seguidores dos dois ditadores também subscreviam esta nova realidade.

Hitler e Estaline, claro, acreditavam em coisas diferentes. O segredo que Hitler catequizava não era, de modo nenhum, o mesmo que Estaline seguia. De igual modo, nem Hitler nem Estaline estavam na origem das ideologias que achavam revelarem a verdade sobre a natureza da vida; ambos as adaptaram a partir do trabalho de outros.

Para Hitler, o ponto de partida era a «raça». O núcleo do seu sistema de crenças era a afirmação de que o modo correto de avaliar o valor das pessoas consistia em verificar a sua «herança racial». Tratava-se de uma ideia que se tornara proeminente em 1855, quando o diplomata Arthur de Gobineau publicou o seu *Essai sur l'inégalité des races humaines* [«Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas»], no qual alegava que a «lição da História» era que «todas as civilizações derivam da raça branca, nenhuma pode existir sem a sua ajuda, e a sociedade apenas é grande e brilhante na medida em que preserve o sangue do nobre grupo que a criou [...]»³⁴.

Daqui decorria, para Hitler, que preservar a «pureza» da raça era crucial, pelo que era necessário remover aqueles «racialmente inferiores». Mais uma vez, não se tratava de um conceito novo. O Dr. Alfred Ploetz, num livro publicado em 1895, tinha até sugerido que os médicos deveriam decidir quais os bebés que deveriam viver ou morrer dependendo do valor racial³⁵; e 25 anos depois, em 1920, o professor Alfred Hoche apelou à morte dos «doentes incuráveis» e dos «mortos mentais», garantindo que tais mortes seriam «desejáveis para o bem-estar geral» do Estado³⁶.

Esta ideia de a «raça» ser a chave da compreensão da natureza da existência foi também proclamada por vários grupos políticos alemães. Por exemplo, em novembro de 1918, Rudolf von Sebottendorff, a figura principal da Sociedade de Thule, sediada em Munique, alegou que o tumulto político na Alemanha tinha sido «criado pelas raças inferiores a fim de corromper os povos germânicos». Por volta desta altura, no *Münchener Beobachter*,

um jornal editado por Sebottendorff, foi publicado um artigo que apelava aos alemães para «Manterem o vosso sangue limpo [...] A pureza da raça equivale à saúde pública. Quando todos os elementos do povo estiverem banhados na pureza do sangue, então a questão social está resolvida [...]»³⁷. Para grupos como a *völkisch* Sociedade de Thule, existia em tudo isto uma dimensão antisemita. No seu discurso de novembro de 1918, Sebottendorff havia declarado que o principal dos perigos raciais que a Alemanha enfrentava era o «judeu», que era «nosso inimigo mortal»³⁸.

Sebottendorff não tinha inventado o boato de os judeus serem racialmente perigosos. No final dos anos 1890, o filósofo Houston Stewart Chamberlain escreveu, em *Foundations of the Nineteenth Century* [Alicerces do Século XIX] que a raça «ariana» — que abrangia a maior parte dos alemães — travava uma batalha com os judeus. Na visão de Chamberlain, isto devia-se ao facto de tanto os «arianos» como os judeus procurarem não se reproduzirem fora dos seus próprios grupos raciais e, conseqüentemente, estavam ambos envolvidos numa luta pela supremacia³⁹.

Sem reconhecer a sua dívida à grande maioria daqueles que tinham antes dele divulgado tais ideias, Hitler apresentou a sua visão do mundo em *Mein Kampf*, um livro que redigiu na prisão após o fracasso da sua tentativa de golpe em Munique em 1923. Para ele, a vida era uma batalha sem fim. «Aqueles que querem viver», escreveu, «que lutem entre si; aqueles que não quiserem lutar neste mundo de luta eterna não merecem viver.»⁴⁰ Nesta luta permanente o judeu era o maior inimigo. O judeu, garantia, «continua a ser o parasita típico, um aproveitador que, como um bacilo nocivo, se continua a espalhar assim que um meio de cultura favorável o convida»⁴¹. Segundo Hitler, os judeus eram também responsáveis pela «doutrina do Marxismo», uma ideologia que ele dizia ser uma ameaça demonstrável à Alemanha, pois houvera revoltas socialistas, posteriormente esmagadas, em Berlim e Munique no rescaldo imediato da Primeira Guerra Mundial⁴².

Nenhuma destas ideias raciais, alegava Hitler, era simplesmente teórica. Eram factos — uma realidade demonstrada pelas

verdades manifestas do mundo ao nosso redor. Na visão de Hitler, este «planeta moveu-se em tempos através do éter durante milhões de anos sem seres humanos e pode voltar a fazê-lo um dia se os homens se esquecerem de que devem a sua existência elevada, não às ideias de alguns ideólogos loucos, mas ao conhecimento e à aplicação impiedosa das leis severas e rígidas da natureza»⁴³.

Para Hitler, discordar das «leis severas e rígidas da natureza» era tão fútil como defender que a terra era plana. E desta realidade decorria uma série de conclusões igualmente dogmáticas. Uma das mais consequentes rezava que o que era importante na avaliação do valor de um país específico não eram tanto as medidas económicas convencionais como o PIB, mas a medição da composição racial da população. Este raciocínio distorcido levou Hitler a concluir que a América era potencialmente um rival mais perigoso para a Alemanha do que a União Soviética. No seu *Segundo Livro*, publicado postumamente, e que escreveu em finais da década de 1920, alegou que os Estados Unidos eram povoados por «gente da mais elevada qualidade racial» e que «apenas uma política racial deliberadamente étnica pode impedir as nações europeias de perderem o poder da iniciativa para a América»⁴⁴. Por outro lado, na União Soviética — ou na Rússia, como insistia em chamar-lhe — a «população não é acompanhada de tal valor intrínseco que o seu [enorme] tamanho se possa tornar num perigo para a liberdade do mundo. Pelo menos não no sentido de um domínio económico ou de poder político sobre o resto do mundo, mas, no máximo, no sentido de uma inundação de bactérias causadoras de doenças, que se podem atualmente encontrar na Rússia.»⁴⁵

Hitler previa uma catástrofe para a Alemanha se a composição racial do país fosse alterada, quer através da procriação com outras raças quer através da emigração — sobretudo para a América — dos espécimes humanos racialmente mais valiosos. «Esta remoção gradual do elemento nórdico do nosso povo leva a uma diminuição da nossa qualidade racial geral e, assim, a um enfraquecimento das nossas forças produtivas técnicas, culturais e também políticas.»⁴⁶

Aceitando a premissa racista de Hitler, a sua visão era coerente. O objetivo da vida era fortalecer a comunidade racial por quaisquer meios possíveis — através do controlo da procriação e, se necessário, obtendo mais território para que os melhores elementos raciais pudessem desabrochar. O poder tem sempre razão. Afirmar o contrário seria ir contra as «leis severas e rígidas da natureza».

Existe uma última declaração incluída no *Segundo Livro* de Hitler que abre uma outra janela digna de nota para a sua visão do mundo. «A começar com o nascimento do humano e até à sua morte», escreveu Hitler, «tudo é duvidoso. A única coisa que parece certa é a própria morte. Mas é exatamente por isso que o compromisso final não é o mais difícil, porque um dia virá a ser exigido, de uma forma ou de outra.»⁴⁷

Hitler está aqui a defender algo de fundamental. Em vez de procurarmos tentar adiar as nossas mortes o máximo de tempo possível, temos de compreender que o facto de a morte chegar daqui a um segundo ou daqui a 50 anos é um mero pormenor. A morte chegará de qualquer maneira.

Daqui decorre que a vida deve consistir em correr riscos. Isto porque a morte chega aos maçadores e aos cautelosos tanto quanto aos ousados e aos corajosos. Como veterano da Primeira Guerra Mundial, e testemunha de numerosas mortes violentas e súbitas, Hitler sabia tudo sobre a arbitrariedade da existência.

Foi este *cocktail* de crenças apaixonadamente sustentadas que levou Hitler a subscrever as opiniões de gente como o Dr. Ploetz, que defendia a morte de crianças «racialmente indesejáveis». Inacreditavelmente, ou assim se poderia pensar, num discurso de 1929 disse que o assassinio de 70 a 80 por cento de todas as crianças alemãs recém-nascidas poderia ser benéfico. «Se a Alemanha ganhasse um milhão de crianças por ano», disse Hitler, «e eliminasse 700 mil a 800 mil das mais fracas, então o resultado final seria provavelmente até um aumento da força. O maior perigo está em interrompermos o processo natural de seleção [...]». Falou com aprovação do «Estado racial mais forte da História, Esparta», que disse ter «implementado sistematicamente tais leis raciais».

Avisou que, como «os criminosos têm a possibilidade de se reproduzirem» e «os degenerados estão a ser laboriosamente mimados de modo artificial», a consequência era «a criação lenta dos fracos e a morte dos fortes»⁴⁸.

Pouco depois de se tornar chanceler, Hitler passou legislação a autorizar a esterilização dos alemães que sofressem não apenas de doenças como esquizofrenia mas também de condições como «alcoolismo severo». Os nazis procuraram justificar este passo apontando para as leis do reino animal. A curta-metragem de propaganda *Das Erbe* [Herança], estreada em 1935 e que procurava promover o valor da esterilização forçada, começa com uma cena na qual uma estudante bem-intencionada, mas ingénua, sugere que os insetos que estão a ser estudados no laboratório teriam «vivido sossegadamente» se tivessem sido deixados na floresta. É gentilmente repreendida pelo professor, que lhe diz que «não se encontra uma vida sossegada em lado nenhum na natureza» e que os animais «vivem todos numa luta permanente na qual os fracos são destruídos»⁴⁹.

O violento antissemitismo de Hitler encaixava sem problemas nesta visão do mundo. Ele não subscrevia o anterior antissemitismo de fundamento religioso, mas sim um ódio «moderno», de fundamento racial. Os judeus eram inerentemente perigosos, acreditava, devido ao seu «sangue». O seu desejo de perseguir os judeus era tal que, em 1939, os judeus alemães estavam a sofrer toda uma série de medidas cruéis e restritivas. O maior ataque do pré-guerra aos judeus alemães teve lugar na *Kristallnacht*, a noite de 9 de novembro de 1938, na qual património judeu foi destruído, sinagogas foram incendiadas, mais de 90 judeus foram assassinados e cerca de 30 mil foram levados para campos de concentração.

Quanto aos membros «arianos» da «comunidade étnica», era-lhes dito serem melhores do que todos os outros, e que o seu bem mais precioso consistia na sua própria pureza racial. «Carregamos uma obrigação sagrada», escreveu o SS Joseph Altrogge, numa nota incluída no seu dossiê pessoal, «de mantermos o nosso sangue

puro e de o passarmos aos nossos filhos e netos.» Era esta «obrigação sagrada» que oferecia a possibilidade da vida eterna — não as promessas tradicionais da Igreja: «Cada um de nós é apenas um elo na cadeia do rio hereditário que corre de nós para os nossos netos mais distantes. Se não interrompermos esta cadeia hereditária, continuaremos a viver nos nossos filhos e netos e seremos verdadeiramente imortais. Não queremos ser o elo mais fraco nesta cadeia, nem interrompê-la mantendo-nos celibatários ou sem filhos.» A «luta» para alcançar este objetivo, escreveu, tinha acabado de começar, e «os nossos filhos e netos continuá-la-ão, para que um dia o objetivo, a Trindade do Reich, do Povo e da Fé, seja alcançado.»⁵⁰

Daqui também decorria que, visto não existir vida eterna exceto através dos descendentes, não havia necessidade de se preocuparem com um qualquer «dia do julgamento» depois da morte. Era uma crença que um SS como Joseph Altrogge tinha em comum com os bolcheviques ateus na União Soviética.

Tal como Hitler, Estaline também tinha sido convencido pela obra de outros. O mais influente fora Karl Marx. Foram sobretudo os ensinamentos de Marx a afastá-lo do seminário em direção ao mundo da revolução. Marx, numa série de obras como o *Manifesto Comunista* (escrito com Friedrich Engels e publicado em 1848) e *O Capital* (publicado em 1867, com mais dois volumes publicados após a morte de Marx em 1883), pôs a nu os problemas enfrentados pelos trabalhadores à luz da Revolução Industrial. Declarou que o povo trabalhador, a que chamava «proletariado», estava alienado da vida produtiva. Em vez de o trabalho ser, como era suposto, um modo de as pessoas se sentirem realizadas, a vida nas fábricas sujas do século XIX era destrutiva para o espírito humano. Os operários eram alienados de várias maneiras: eram alienados dos produtos que criavam — pois os operários de linhas de produção nunca tinham a satisfação de criarem algo sozinhos, sendo meras rodas dentadas numa máquina gigante; eram alienados da sua própria humanidade — porque o seu valor era entendido apenas em resultado dos produtos que criavam para os donos das fábricas; e eram

alienados uns dos outros — em grande parte porque, na fábrica moderna, o trabalho raramente é colaborativo⁵¹.

Marx também sublinhou a injustiça inerente à relação entre os operários e os proprietários. Como podia ser correto que os operários cedessem muito das suas vidas para a criação de produtos, e, contudo, o lucro gerado por eles fluísse em direção aos ricos — simplesmente por serem donos dos edifícios nos quais os operários eram escravizados? Os proprietários podiam sentar-se a desfrutar da vida, sustentados às custas do suor e do tormento dos operários alienados. Como podia tal situação ser tolerada?

Era uma análise convincente da vida operária do século XIX. E muito embora a visão de Marx se parecesse aplicar mais às fábricas claustrofóbicas de Manchester do que às terras agrícolas do Império Russo, ela convenceu Estaline. Uma consciência da injustiça deste mundo — no qual os camponeses ricos, os *kulaks*, pareciam viver à custa do trabalho dos seus vizinhos mais pobres — acompanhou-o até ao dia da sua morte.

O problema era que, embora Marx fosse brilhante a analisar o problema, a solução que propunha não era necessariamente tão convincente. Uma das dificuldades era a sua afirmação de que a História estava destinada a atravessar determinadas fases. Por exemplo, existia uma fase imperial, uma fase feudal, uma fase capitalista, uma fase socialista e uma fase comunista⁵².

No momento em que Marx escreveu a sua análise, estava preocupado sobretudo com a fase capitalista, que era aquela em que sentia que estava a viver. Mas acreditava que o mundo acabaria por dar o passo em frente em direção ao comunismo. Nesse derradeiro jogo final da História, existiria propriedade comum dos meios de produção, ninguém seria explorado, a sociedade seria totalmente justa e não existiria necessidade de governos, visto que o Estado, inevitavelmente, «definharia».

Os seguidores de Marx debatiam furiosamente o que quisera o grande homem dizer exatamente em algumas previsões e teorias, e qual seria a melhor maneira de as implementar. Os seguidores marxistas denunciavam-se mutuamente por corromperem os

ensinamentos marxistas, à imagem dos cristãos medievais que se tinham atacado uns aos outros por «heresia». Tinha sido este tipo de disputa a levar originalmente à formação dos bolcheviques. Vladimir Lenine, um seguidor revolucionário de Marx, publicou em 1902 um livro chamado *Que Fazer?*. Nele, emendava a previsão de Marx sobre o que era preciso fazer para fugir à fase capitalista da História. Em vez de os operários se erguerem por si próprios, Lenine disse que, assim que a opressão pelo capitalismo se tornasse excessiva, seria necessário um grupo de revolucionários dedicados que levasse o mundo ao socialismo. Esta, e outras questões que levantou, levaram a conflitos no interior do grupo marxista, o Partido Operário Social-Democrata Russo. Em 1903 houve uma cisão. Os seguidores de Lenine eram a maioria, e tornaram-se conhecidos como bolcheviques (*bolshinstvo* significa «maioria» em russo), e os que discordavam eram chamados de mencheviques (da palavra russa para «minoria»).

Estaline, que conheceu Lenine dois anos após a cisão, em 1905, era decididamente bolchevique. Tal como Lenine, acreditava que seriam os revolucionários profissionais a liderar a mudança sísmica necessária para transformar a sociedade. Mais ainda, Estaline também tinha como óbvio que a classe operária apenas podia suplantar os patrões ricos pela força. «Os comunistas não idealizam minimamente os métodos de violência», disse numa entrevista com H. G. Wells em 1934. «Mas eles, os comunistas, não querem ser apanhados de surpresa; não podem contar que o velho mundo saia de palco voluntariamente; veem que o velho sistema se está a defender violentamente a si próprio, e é por isso que os comunistas dizem à classe operária: respondam à violência com violência; façam todos os possíveis para impedir que a velha ordem moribunda vos esmague, não permitam que ela vos algeme as mãos, as mãos com as quais vão derrubar o velho sistema.»⁵³

Lenine, pelo seu lado, reconheceu Estaline como um homem de ação — o seu papel no assalto ao banco de Tiflis em 1907 garantia-o. Mas foi apenas em 1913, quando escreveu *O Marxismo e a Questão Nacional*, que Estaline foi visto como pensador marxista de mérito.

O nacionalismo era uma questão política delicada porque a Rússia Imperial continha em si um grande número de potenciais «nações», entre as quais a Geórgia nativa de Estaline, e os bolcheviques precisavam de uma política inequívoca sobre a questão. A premissa de Estaline era simples. Ele disse que tinha de ser «imediatamente compreensível que a nação, como qualquer fenómeno histórico, tem a sua própria história, o seu princípio e o seu fim»⁵⁴. As «nações» individuais no interior do novo Estado bolchevique poderiam ter autorização para terem um elemento de autoadministração, mas seria apenas uma solução temporária, pois a teoria marxista ditava que todas as nações acabariam por desaparecer. Lenine aprovava o trabalho de Estaline e nomeou-o chefe do Comissariado do Povo para as Nacionalidades depois da revolução.

Existia assim um fosso óbvio entre Hitler e Estaline no modo como cada um via o mundo. Um era um racista fervente, o outro um homem que achava que primordialmente era o ambiente que moldava o indivíduo. Um acreditava nas leis da «natureza», o outro seguia dedicadamente Karl Marx. Mais, ambos odiavam ardentemente o sistema de crenças do outro. Hitler receava e desprezava o bolchevismo e Estaline detestava o nazismo.

Neste contexto, o facto de Hitler dirigir o Partido Nacional *Socialista* Alemão dos Trabalhadores tem causado confusão naqueles que não estão muito familiarizados com a História. Estaline, dizem, não acreditava também no socialismo como caminho para o comunismo? Por isso não eram Hitler e Estaline em grande parte farinha do mesmo saco? A resposta é: não. Não eram. Estaline estava empenhado em destruir o que entendia ser o mal absoluto do capitalismo. Era franco quanto a isto, dizendo que «enquanto não nos livrarmos dos capitalistas e abolirmos o princípio da propriedade privada nos meios de produção, é impossível criar [uma] economia planificada»⁵⁵. Hitler nunca teve tais opiniões. Na verdade, chegou ao poder com a ajuda de figuras poderosas do mundo dos negócios. Mas, em termos de propaganda, era útil para os nazis dizerem-se socialistas, porque achavam que isso os tornaria mais atrativos para os operários alemães.

O conceituado historiador Laurence Rees mergulha nas profundezas dos regimes cruéis de Hitler e Estaline e mostra até que ponto os dois homens brutalizaram o mundo à sua volta.



Dois ditadores do século xx distinguem-se pelo impacto e crueldade que tiveram no mundo. Aliados por um curto período de tempo durante a Segunda Guerra Mundial, Hitler e Estaline tentaram depois exterminar-se mutuamente em campanhas de guerra nunca vistas no mundo moderno, afetando soldados e civis de igual modo. Quilómetros sem fim da Europa de Leste foram arruinados neste combate mortal e milhões de vidas foram sacrificadas.

Recorrendo a testemunhos inéditos de soldados do Exército Vermelho e da Wehrmacht, de civis que sofreram durante o conflito e daqueles que conheceram pessoalmente os dois homens, esta obra-prima – o culminar de 30 anos de trabalho – do autor bestseller Laurence Rees, um dos melhores historiadores contemporâneos, analisa o percurso dos dois tiranos durante a Segunda Guerra Mundial, quando a Alemanha e a União Soviética travaram a maior e mais sangrenta guerra da História, demonstrando que, apesar de ferozes adversários, Hitler e Estaline eram, em grande medida, os dois lados de uma mesma moeda.



«Da autoria de um dos mais conceituados especialistas na Segunda Guerra Mundial, este é um relato importante, original – e devastador – de Hitler e Estaline como ditadores.»

ROBERT SERVICE
autor de Estaline – Uma Biografia

 <p>com todas as letras</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-564-720-0</p>  <p>9 789895 647200</p> <p>História</p>
--	--